

**A CULTURA DIGITAL NO ENSINO REMOTO: ESTUDO DO CASO DA ESCOLA ESTADUAL MANOEL ALVES DE ALMEIDA EM VARZELÂNDIA-MG**

Brenda Estael de Oliveira Gonçalves

Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES

Brendaestael28@gmail.com

Karen Emanuelly Soares de Oliveira

Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES

karenmanu896@gmail.com.

Gabriel de Andrade Cruz

Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES

gabrielandrade.gc@gmail.com

Keila Pereira dos Santos

kehh23santos@gmail.com

Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES

Elisvania Lopes dos Reis

elisvanialopes17@gmail.com

Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES

Thais Soares Fernandes

thaissoaresmMogmail.com

Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES

**Resumo**

O presente trabalho busca debater sobre a cultura digital no ensino remoto em especial na Escola Estadual Manoel Alves de Almeida em Varzelândia – MG. Através deste trabalho foi possível perceber a importância da cultura digital principalmente no ensino remoto, onde possibilitou os diferentes meios de comunicação e plataformas educacionais eficientes para o desenvolvimento dos alunos neste período pandêmico, apesar disso também mostrou a evidente desigualdade, onde quem não possuem recursos tecnológicos necessários, acabam saindo em desvantagem.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais na Educação. Formação de Professores para o Uso de Tecnologias Digitais.

**Introdução**

As tecnologias digitais estão cada vez mais presentes no dia a dia da sociedade moderna e estão transformando a forma como as pessoas se relacionam e se comunicam, seja por meio dos dispositivos móveis e imóveis, do uso crescente das redes sociais, dos aplicativos que ofertam serviços ou das compras online, por exemplo. Com o avanço tecnológico, vem sendo possibilitado o desenvolvimento global sob diferentes aspectos, e proporcionando uma reconfiguração na maioria dos aspectos de nossas vidas, proporcionando cada vez mais a constante presença da cultura digital nos dias de hoje.

 O objetivo deste artigo está baseado na discussão sobre a acentuada adequação e readaptação da cultura digital no ensino na Rede Pública de Educação Básica, principalmente na Escola Estadual Manoel Alves de Almeida em Varzelândia - MG, que desde o início da pandemia originada pelo Covid-19 em 2020, tem tido todo o ensino de forma remota.

Nesse contexto, se torna necessário a análise e reflexão sobre os impactos da cultura digital no âmbito Educacional e seus reflexos nos processos do ensino e aprendizagem que dão contrastes as novas formas e práticas educacionais tecnológicas, e a presente realidade de muitos alunos e professores, seja em aspectos positivos ou negativos nos dias de hoje.

**Referencial teórico que fundamenta a pesquisa**

Para as discussões foi necessário utilizar como referência a base metodológica teórica de vários autores, também foi realizado tanto uma pesquisa quantitativa quanto qualitativa com alunos e professores de forma online, visando de certa forma trazer a realidade existente na Escola onde o estudo foi aplicado.Com relação a pesquisa quantitativa utilizou-se dados de pesquisas realizadas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), e da CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação).

**A cultura digital como proposta de desenvolvimento no ensino remoto na E.E. Manoel Alves de Almeida**

Durante muito tempo, as tecnologias, principalmente as plataformas digitais foram vistas como “inimigas” da educação. Logo que surgiram, pareciam ser mero entretenimento que tirava o foco e atenção dos estudantes, pois o acesso a um dispositivo que permitia o seu uso, contribuía diretamente para distração dos afazeres escolares.

 Com o passar do anos, essas concepções foram se transformando, tais aperfeiçoamentos foram capazes de disponibilizar diversas plataformas digitais voltadas para a vida cotidiana em múltiplas finalidades como por exemplo a educação escolar, como uma facilitadora de eficiência no ensino aprendizagem, estimulando assim cada vez mais as culturas digitais de diversas formas e categorias.

 Definir esta cultura digital de uma forma concreta e única é uma tarefa difícil ou até impossível, pois nela encontram-se várias vertentes, elementos e ambiguidades. Por isso, para apenas construirmos um conceito desta tamanha complexidade, é necessário atrelarmos a diferentes formas de pensar sobre ela.

Para Lemos (2002, p. 131), esse lugar denominado ciberespaço é definido como um “hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes dessaestrutura temática, como um texto vivo, um organismo auto-organizante”. Nasce não só da digitalização, da proliferação da informática e suas interfaces, mas da interconexão mundial de computadores proporcionada pela internet. É um ambiente de circulação de discussões plurais. Como tal, “não se tem controle centralizado, multiplicando-se de forma anárquica e extensa,

desordenadamente, a partir de conexões multidirecionais e diferenciadas, permitindo agregações ponto a ponto e formando comunidades ordinárias” (Ibidem, p. 145).Suas múltiplas possibilidades de linguagem e de interação oferecem uma velocidade acelerada de informações, potencializam o ambiente digital com uma efervescência cultural e proporciona um contexto de novidades, de emergências.

Imersos nesse ciberespaço, percebe-se que houve alteração da nossa maneira de pensar, de sentir, de agir no mundo, de nos relacionarmos, de nos comunicarmos e de construir conhecimentos, em um processo tão intenso, que muitas vezes não se percebem as mudanças que ocorrem a cada dia. A evolução tecnológica altera os comportamentos das pessoas. “A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem os usos que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo, em diferentes épocas” (KENSKI, 1998, p. 21). A cibercultura apresenta como características básicas: a possibilidade de hipertextualidade, de interatividade, bem como da virtualidade, da não linearidade, multivocalidade, tempo real e simulação, provocando mudanças intensas nos sentidos que as crianças e jovens brasileiros percebem, sentem e agem em uma sociedade em que a informação e conhecimento constituem fontes fundamentais de bem-estar e progresso, ampliando o conceito de “cultura digital”.

Para Iannone, Almeida e Valente (2015, p 59), temos a obrigação de preparar nossos estudantes a viverem e desfrutarem da sociedade inserida na cultura digital. Portanto, faz-se necessário auxiliá-lo no desenvolvimento de três grandes dimensões: “cognitiva, envolvendo estratégias e processo de aprendizado, criatividade e pensamento crítico; intrapessoal, relacionada com a capacidade de lidar com as emoções e moldar comportamentos para atingir objetivos; e interpessoal, envolvendo a habilidade de expressar ideias, interpretar, dialogar e responder aos estímulos de outras pessoas”.

Essa cultura digital, segundo Castells (2002), engloba habilidades para comunicar coletivamente, em tempo real, no âmbito local até o global, inclusive de forma descentralizada, gera uma grande expectativa no impacto significativo dos resultados pedagógicos, contribuindo para melhorar a qualidade do processo de ensino e de aprendizagem, a partir de um novo modo de interagir, de informar e de produzir conhecimentos.

 É nesse contexto que a cultura digital se insere principalmente como um fator primordial e muito importante no formato de ensino na Escola Estadual Manoel Alves de Almeida, localizada em Varzelândia - MG, no qual antes da pandemia essa cultura era vivida ou adquirida como uma mera alternativa, em muitas vezes limitada.

 A Escola tem adotado esse formato de ensino desde ano de 2020, no qual devido a pandemia originada pelo novo coronavírus foi proposto pelo secretário da educação o “ensino remoto”, que visava transferir todo ensino que antes da pandemia era executado de forma presencial ou física para os meios digitais de comunicação, ou seja, virtual. Foi disponibilizado também para a Escola Estadual Manoel Alves de Almeida assim como em outras escolas o PET (Plano de Estudo Tutorado) seja de forma física para o aluno que não possui acesso a internet e digital como opção para quem possui.

 Todas as Instituições educacionais do país passaram a aderir esse novo formato, pois seria uma alternativa mais segura para dar prosseguimento ao que já havia iniciado, tendo em vista a restrição do contato físico entre alunos e professores. Então, o que era uma alternativa passou a ser uma necessidade e todo esse processo acarretou um cenário bem diferente nos dias de hoje.

**Novas formas de ensinar e aprender integrados à cultura digital**

 Durante este período pandêmico que estamos vivenciando, se torna uma tarefa difícil em pontuarmos o que de vantajoso esse momento tem nos trazido principalmente no âmbito educacional, mas é possível destacar que apesar disso o papel da cultura digital tem sido crucial para a contenção da defasagem a nossa educação mesmo que de forma sutil.

 Os alunos que possuem internet e dispositivos têm tido um melhor desenvolvimento pois com isso se inserem na ampliação do conceito de sala de aula, de espaço e tempo, de acesso à informação e de comunicação de uma forma virtual. Nesse contexto, a escola participa e dialoga com a cultura digital, no qual assume um papel decisivo na formação do estudante, pois podem oportunizar múltiplos espaços de aprendizagem, não somente pela variedade de tecnologias e mídias disponíveis, mas especialmente pelas possibilidades de encontros virtuais e de interação, potencializando a cooperação e a produção colaborativa de conhecimento. Conforme Castells (2002, p. 311), a internet não é apenas uma tecnologia: é o instrumento tecnológico e a forma organizativa que distribui o poder da informação, a geração de conhecimentos e a capacidade de ligar-se em rede em qualquer âmbito da atividade humana”.

A internet, nesse sentido, instaura uma nova economia, novas formas de sociabilidade, participação social e intervenção política. Sua importância é tamanha que deu início ao aparecimento de um novo espaço, intitulado de ciberespaço, que possibilita que cada sujeito possa adicionar, retirar, co-criar e modificar conteúdos dessa estrutura; disparar informações e não somente receber, uma vez que o pólo da emissão está liberado para coletivização dos saberes, construção colaborativa de conhecimento e de sociabilidade (LEVY, 2010).

 Nas aulas virtuais as transformações são significativas e presentes, pois nela o professor tem tido os variados meios para a transmissão do conhecimento. Através da pesquisa qualitativa realizada com alguns professores da Escola Manoel Alves de Almeida de forma online, foi possível ter a percepção dessa diversidade. Além disso, também foi realizado uma pesquisa com alguns alunos.

 É utilizado em sua totalidade, plataformas digitais de leituras, de ensino adaptativo, aplicativos de estudos e de comunicação, aulas online, bancos de materiais, jogos online educativos entre outros. Sendo possibilitado dessa forma o ensino aprendizagem mais acessível e primordial nesse momento tão conturbado, onde a cultura digital com seus diferentes meios vem alcançando cada vez mais o espaço educacional.

**Desafios e perspectivas**

 Com a crescente presença das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) em nossa sociedade, a educação e os profissionais docentes são afetados pelas transformações que são oriundas desse processo de mudanças (BONFIM et al, 2010). Diante da atual situação, onde as aulas presenciais foram transferidas para os meios digitais, vemos as escolas e os profissionais docentes sendo desafiados a se reinventarem diante da utilização das tecnologias digitais. Além disso, esse novo modelo de ensino causou muita insegurança e ao mesmo tempo medo aos professores pois muitos deles não tem domínio e nenhum preparo com relação ao manuseio da tecnologia e de seus aplicativos como mecanismo de ensino.[...] A tecnologia digital foi colocada em destaque e, de uma hora para outra, até os professores mais resistentes à educação on-line começaram a utilizá-la, a fim de continuar o processo educativo e manter seus empregos. Utilizando plataformas virtuais, ficou clara para os professores e gestores escolares a necessidade de enfrentar o desafio de ensinar remotamente e as consequências de desconhecerem diferentes recursos tecnológicos digitais, plataformas e aplicativos educativos (ORTEGA, ROCHA, 2020).

De acordo com uma pesquisa no qual é intitulada como “Trabalho Docente em Tempos de Pandemia”, realizada pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestrado/UFMG), e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), no qual entrevistaram no ano passado 15.654 docentes de todo o Brasil, sendo eles da educação infantil, ensino fundamental e educação de jovens e adultos, os dados mostraram um cenário preocupante. O levantamento aponta que 89% não tinham experiência anterior à pandemia para dar aulas remotas, enquanto que 42% dos entrevistados afirmam que seguem sem treinamento, aprendendo tudo por conta própria. O despreparo de várias instituições é outro desafio que colabora para está situação. Segundo Delagnello, a maioria das secretarias estaduais de ensino do país não tem plataforma nem metodologia estabelecida para oferecer aulas remotas. A exceção, diz, são estados na região amazônica, que usam o ensino à distância para chegar às comunidades ribeirinhas (LUPION, 2020).

 Alguns professores relataram que, no começo do isolamento social, havia uma forte cobrança para que se iniciasse as atividades online rapidamente. Neste período, tiveram que conhecer e aprender a utilizarem várias tecnologias que até então não tinham conhecimento, e de forma muito rápida. A curto prazo, em menos de três dias, foi exigido para gravarem as videoaulas, é isso foi uma dificuldade porque ministrar uma aula online é totalmente diferente da presencial, as metodologias e os planejamentos tiveram que ser todos readaptados em função da nova didática. Promover o engajamento dos alunos durante as aulas foi outro desafio, principalmente pelo fato da participação deles terem diminuído um pouco ou drasticamente, em alguns casos, durante esse período de pandemia.

 Para melhor compreender os desafios oriundos através da utilização do ensino remoto foi realizado uma entrevista online com alguns alunos e professores da Escola Estadual Manoel Alves de Almeida, localizada na comunidade de São Vicente I, distrito do município de Varzelândia – MG. Salienta-se, que com relação aos alunos que não possuem acesso a internet os próprios professores relataram a real situação deles. Essa escola atende aos alunos das seguintes comunidades: São Vicente I, Três Barrigudas, Orion, Conquista da Unidade, São Vicente II, Ribeirão e o assentamento Brilho do Sol.

 De acordo com os professores, a uma pequena porcentagem de alunos que participam das aulas online, e mesmo após o término das aulas os educadores ficam trinta minutos de plantão para o esclarecimento de dúvidas. Para os estudantes, a maior dificuldade que perpassa se refere ao acesso a internet, visto que muitos não tem condições para mantê-la ou residem em lugares onde a conexão possui uma instabilidade ruim, ou então onde não há sinal para conectar-se a internet, como é o caso de algumas áreas da comunidade de São Vicente II e no assentamento Brilho do Sol.

Diante da pandemia da Covid-19 fica ainda mais evidente o cenário da desigualdade social e no que se refere ao acesso a internet e as tecnologias no âmbito da educação brasileira, o que causou uma profunda separação entre aqueles que podem dar continuidade ao seu processo de aprendizagem e outros que sequer possuem um dispositivo eletrônico com conexão à internet.

Segundo o último TIC Domicílios – pesquisa realizada pelo CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) para avaliar o acesso às TICs (Tecnologia, Inovações e Comunicações), 70% dos brasileiros têm algum tipo de acesso ainternet, porém isso não significa que seja um acesso qualificado.

 Nas classes D e E, se percebe que 85% das pessoas usam internet só pelo celular. Isso limita o uso: como estudar, como trabalhar, como acessar sites de informação com os recursos limitados de um celular ? (BORGES, 2020). Uma internet 3G/4G é limitada, e se for uma internet compartilhada, ou seja, utilizada por mais de uma pessoa, se esgota com maior rapidez.Assistir uma online ao vivo é algo que se torna difícil.

 Segundo uma reportagem da revista Folha de São de Paulo, “Se uma criança tem que esperar a mãe voltar do trabalho para conseguir acessar as aulas online durante a pandemia, ou se uma família tem que escolher entre comprar comida ou pacote de internet, isso significa que esse acesso continua a ser excludente”. Isso nos revela que a cultura digital na educação básica não somente promove a inclusão, ao ser disponibilizada para todos, como também exclui porque cada educando possui um nível socioeconômico diferente do outro, no qual nem todos conseguem acessa-la.

 Com base na pesquisa qualitativa, realizada na Escola Estadual Manoel Alves de Almeida, observou-se que os alunos que possuem acesso a internet não encontram dificuldades no que diz respeito a esse novo ensino, pois além de ter o professor para lhe ensinar e auxiliar por meio das plataformas digitais, contam com a internet como um suporte didático. Com relação aos que não possuem parcialmente ou totalmente conexão a internet, os professores mencionaram que alguns alunos falaram que iriam desistir dos estudos em decorrência das dificuldades encontradas em continuar com esta modalidade de ensino, além de afirmarem que não estão conseguindo dar conta de resolver as atividades do plano de estudo tutorado devido não terem o total suporte digital.

 Ao analisar a charge abaixo, vemos que o ensino remoto surgiu como uma alternativa para prosseguir com o ano letivo de modo a não prejudicar os estudantes. Sendo disponibilizado a todos de forma igualitária, porém nem todos tem acesso a ela, nem todos conseguem prosseguir, o que assinalou as desigualdades digitais.

Contudo, os desafios são enfrentados não somente pelos alunos e professores, mas também pelos próprios pais ou responsáveis pelos alunos. A pandemia reforçou a necessidade da participação da família no acompanhamento da vida escolar dos filhos, principalmente porque, agora, a educação está dentro de suas casas. O pai, a mãe ou o responsável consegue ver quais são as atividades desenvolvidas e, por isso, o envolvimento familiar tornou-se maior (CARVALHO, 2021). Porém alguns pais encontram dificuldades em orientar os seus filhos, para que eles consigam absorver o conhecimento do ensino a distância de maneira satisfatória. Além do mais há aqueles que acabam não tendo tempo de auxiliar os filhos devido chegarem em casa cansados por causa do trabalho.

**Como será o ensino educacional daqui em diante ?**

 Neste momento de tantas incertezas, projetar como será a educação daqui para frente é algo complexo e, talvez, a única certeza que tenhamos é que, definitivamente, a educação não será mais a mesma após este período (SCHIAVO, 2020). De acordo com Ademar Batista Pereira, professor e presidente da Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep), a tendência é termos uma escola com ensino híbrido.

Nesse atual cenário “o momento é do ‘Re’: reinventar, repensar, refazer, ressignificar, reconstruir, remodelar. Professores e alunos valorizarão de maneira mais intensa uns aos outros, a parceria entre família e escola será mais efetiva e a delimitação dos conteúdos, de fato, essenciais será revista”, destacam Jardim e Silveira.

 Conforme uma análise realizada pelo Fórum Econômico Mundial a respeito dos possíveis impactos da pandemia na educação, revelou-se uma mudança imediata: “milhões de pessoas no planeta estão sendo educadas graças à brecha digital que trouxe novas abordagens pedagógicas via uso de tecnologias. Implementada como alternativa às salas de aula fechadas, essa via tecnológica conferiu inovação educacional a um setor que sempre resistiu aos ventos da mudança; sempre investiu em um modelo de aulas expositivas. A outra face dessa moeda –sobretudo em um contexto nacional –, é a possibilidade do aumento do gap digital, ou seja, a desigualdade socioeconômica pode ser exacerbada, tornando o acesso educacional de qualidade mais distante no Brasil. Por isso, se torna fundamental a atuação do poder público e de organizações da sociedade civil no combate a essa distorção” (PINHEIRO, 2020).

 Diante da adoção do ensino remoto o Brasil se mostrou um país despreparado. As opiniões sobre esse cenário estão longe de um consenso, pois, no caso brasileiro, as desigualdades sociais saltam aos olhos e revelam que as políticas públicas educacionais são insuficientes para garantir a todos uma educação de qualidade (ORTEGA, ROCHA, 2020). Apesar das inovações tecnológicas que vem aumentando gradativamente, há uma parcela da população brasileira que se encontra com problemas relacionados a conexão com a internet e há uma outra que está excluída digitalmente. De fato se já existiam as desigualdades sociais, hoje existem as desigualdades digitais, no qual se tornam cada vez mais presentes em nosso cotidiano, principalmente nas famílias que vivem em uma situação de extrema pobreza.

 Segundo uma pesquisa realizada pela Unesco, Unicef, Banco Mundial e Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas (2020), as crianças e os adolescentes das famílias mais pobres já apresentam quase 5 vezes mais chances de não concluir o ensino fundamental e o ensino médio do que as das famílias mais ricas. Isso ocorre porque os alunos pertencentes as famílias mais vulneráveis não possuem uma estrutura adequada para prosseguirem com o ensino remoto.

 Em virtude dessa nova realidade, algumas indagações são feitas: Como será o ensino pós pandemia ? Quais serão as novas formas de aprendizagens ? As instituições adotaram um novo modelo para a realização das aulas ? Isso não sabemos, mas o que nos aguarda é um ensino diferente daquele que era aplicado antes da pandemia e a certeza de que as escolas devem se abrir para o novo e repensar a forma de ensinar e aprender pois a tecnologia ao ser uma aliada do ensino-aprendizagem é capaz de proporcionar diversos benefícios. Além disso, deve ser pensado no desenvolvimento de políticas públicas educacionais visando dar suporte aqueles que não possuem estrutura para manter ou acessar a internet.

**Considerações finais**

 A cultura digital parece ser nova para muitas pessoas. No entanto, ela é algo que já está presente diariamente na sociedade contemporânea. No contexto da educação, os processos deensino e aprender também são tensionados pela cultura digital, exigindo novas concepções e práticas dos professores, que são desafiados a pensar sobre as tecnologias, seu potencial para a educação e formas de incorporá-las. (MACHADO, KAMPFF, 2020).

 A pesquisa realizada com alguns alunos e professores, objetivou compreender as facetas do ensino remoto e o contexto da cultura digital na Escola Estadual Manoel Alves de Almeida assim como os desafios e dificuldade que são impostos nesse momento pandêmico.

 De acordo com essa pesquisa, foi possível concluir que a cultura digital proporciona uma eficiência em relação às diversas metodologias educacionais, mas ao mesmo tempo, devido a falta de políticas públicas e a insuficiência dela se torna cada vez mais presente a desigualdade e exclusão social, principalmente no ensino remoto.

 Com isso, se torna viável a efetivação de recursos sociais e políticas públicas para que de fato tais acontecimentos venham ser minimizados e até mesmo extintos. Tendo como visão um novo cenário principalmente na educação, em relação a essas culturas digitais vividas, se torna crucial essa questão, para que haja a inclusão social, cultural entre outros, já que a sociedade vem caminhando a passos largos no que diz respeito a tecnologia, onde esse mundo digital está cada vez mais crescente.

**Referências**

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CGI.BR. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC educação 2015 / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016.

DEMO, Pedro. Formação permanente e tecnologias educacionais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

IANNONE, Leila; ALMEIDA, Maria Elizabeth; VALENTE, Jose Armando. Pesquisa TIC educação: da inclusão para a cultura digital. Padrões de Competências em TIC para Professores. Brasília: UNESCO, 2008, p.55-90.

LEMOS, André. Cultura das redes: ciberensaios para o século XXI. Salvador: EDUFBA, 2002.

LEVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2000.

Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias, o redirecionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.8, p.110-125, 1998.

UNESCO. Padrões de Competências em TIC para Professores. Brasília: UNESCO, 2008.

PINHEIRO, Rafael. Família e Escola: Parceria, relacionamento, interação e novas dinâmicas. Disponível em: <https://direcionalescolas.com.br/familia-e-escola-parceria-relacionamento-interacao-e-novas-dinamicas/>. Acesso em: 26 de junho de 2021.

PINHEIRO, Rafael. Como será a educação pós-pandemia? Disponível em: <https://direcionalescolas.com.br/como-sera-a-educacao-pos-pandemia/>. Acesso em: 26 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/experimental/integra /2021/01/22/impactos-da-pandemia-na-educacao-brasileira-de-jovens-e-adultos/>. Acesso em: 26 de junho de 2021.

OLIVEIRA, Elida. Quase 90% dos professores não tinham experiência com aulas remotas antes da pandemia; 42% seguem sem treinamento, aponta pesquisa. G1, 2020. Disponível em:<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/08/quase-90percent-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia-42percent-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 26 de junho de 2021.

ORTEGA, Lenise Maria Ribeiro; ROCHA, Vitor Fiuza. O dia depois de amanhã – na realidade e nas mentes – o que esperar da escola pós-pandemia ? Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v.13, n. 1 (1 2020)